

CAUDILHISMO, COMPADRIO E ESTRATÉGIAS DAS ELITES REGIONAIS A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE BENTO GONÇALVES DA SILVA (1835-1845).

IAGO SILVA DA CRUZ¹
JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – iagosilvacontato@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Bento Gonçalves da Silva nasceu no ano de 1788, na freguesia de Bom Jesus do Triunfo, território importante ao sul do rio Jacuí, havido do consórcio de seu pai, o alferes de ordenanças Joaquim Gonçalves da Silva, de origem portuguesa. Destinado por seus pais à carreira eclesiástica, Bento Gonçalves nem chegou a concluir os estudos, pois, desde cedo, demonstrara interesse às lidas do campo, sendo mandado pelo pai aos cuidados de seu irmão João Gonçalves da Silva. Com o tempo, tornou-se importante chefe militar, destacando-se pelos seus feitos nas guerras da Banda Oriental e pelo sucesso econômico em Serro Largo, Uruguai, onde conheceria sua esposa e de lá se tornaria um abastado estancieiro e comerciante. O ápice dessa carreira foi sua liderança militar e política exercida na Guerra dos Farrapos (1835-1845) (WIDERSPAHN, 1979).

Muitos autores dedicaram-se a biografar esse importante ícone da historiografia tradicionalista rio-grandense. No entanto, a proposta do presente trabalho não é a de reescrever a biografia de Bento Gonçalves da Silva. Pretende-se compreender, a partir de sua trajetória social, política e econômica, como se davam as relações sociais desses líderes militares, em um contexto fronteiriço de guerra, com as demais camadas da população. Nesse contexto, os estancieiros, além de fazerem parte de uma elite regional capaz de formar suas próprias estratégias, também serviam de mediadores políticos entre as populações fronteiriças e o governo central. Ao possuírem margens significativas de autonomia, eles acabavam tornando-se figuras notáveis no ordenamento social e econômico da fronteira, sendo que alguns deles ascendiam para a ocupação de altos postos militares e políticos. Portanto, o Império dependia desses estancieiros para chegarem até essas localidades extremas, como já demonstraram os importantes trabalhos sobre as elites regionais (DOLHNIKOFF, 2005; VARGAS, 2010).

A historiografia que trata dos líderes farroupilhas e da própria Revolta dos Farrapos, escritas no século XX (SPALDING, 1969; SAMPAIO, 1984; VARELA, 1933) pouco nos ajudam a olhar de forma mais crítica para o conflito ocorrido entre 1835 a 1845. Além disso, são poucos os trabalhos recentes que se propõem a revisar as trajetórias individuais desses líderes farroupilhas, e que poderiam nos enriquecer com novas perspectivas e possibilidades a respeito de como agiam no interior da província e como se relacionavam entre eles, assim como analisarmos as estratégias das classes subalternas ao redor desses chefes militares.

Não há comandante sem comandados, nem líderes sem liderados. É necessário analisar esses líderes militares em uma perspectiva relacional, com os demais setores sociais. Propõem-se, para isso, revisar o próprio conceito do “caudillo”, baseando-se nos novos trabalhos da historiografia argentina que visam

tirar o *caudillo* da imagem vinculada à anarquia/barbárie x civilização, onde estes líderes ocupariam um vácuo de poder, seguidos pelos seus liderados como se fossem meras massas de manobra (FRADKIN, 2006). Nesse sentido, a nova historiografia sobre o fenômeno do *caudillismo* possibilita uma análise mais profunda dessas relações sociais tão específicas do contexto platino (GOLDMAN & SALVATORE, 2005). Buscamos refletir sobre até onde podemos utilizar o mesmo conceito para os líderes militares do Rio Grande de São Pedro? Nosso objetivo com essa revisão historiográfica sobre Bento Gonçalves da Silva será, portanto, discutir de forma crítica o papel das elites regionais na construção do Império, as relações familiares das mesmas, uma análise das redes sociais construídas entre as famílias nesse contexto endêmico e seu cabedal militar e econômico.

2. METODOLOGIA

Para a realizarmos esta pesquisa, separamo-as em três partes. A primeira será propriamente fazer um estudo bibliográfico das obras que abordam o coronel Bento Gonçalves da Silva, tanto as biográficas como também as que abordam questões mais amplas como as raízes socio-econômicas do conflito, as lideranças e suas posições. Essa revisão nos servirá para que se possa apontar as lacunas que pretendemos preencher. Também será realizado uma análise crítica sobre o *caudillismo* nas obras já citadas, comparando as similaridades dos *caudillos* do Prata e a elite farroupilha, representada em nosso trabalho na figura de Bento Gonçalves. A segunda parte do trabalho utilizará as correspondências trocadas entre Bento e a elite, entre sua família e cartas oficiais remetidas e recebidas entre a corte imperial. As correspondências envolvendo os líderes farroupilhas estão publicadas nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Coletânea de Documentos de Bento Gonçalves da Silva.

A partir dessas correspondências, será possível entendermos as relações sociais formada pelo coronel e qual o papel tinham seus filhos: foram enviados para estudar no Rio de Janeiro? Lutaram ao lado do pai? Ou ainda, cuidaram dos negócios da família? Pretendemos responder a essas questões. Analisaremos então, por último, os registros paroquiais da comarca de Camaquã, disponíveis no site <https://www.familysearch.org>. Partindo de uma metodologia de análise das redes sociais inspiradas nas pesquisas sobre prosopografia e da história social das elites propostas por Flávio Heinz (HEINZ, 2011). Pretendemos traçar as relações entre compadrio que se davam ao redor da elite farroupilha (FARINATTI & VARGAS, 2014). Outra fonte, não menos importante, é o inventário *post-mortem* de Bento Gonçalves, realizado após sua morte e que se encontram no Arquivo Público do Estado do RS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em seu estágio inicial, onde estou fazendo a leitura e revisão bibliográfica riograndense. O que pode-se observar nas leituras dos clássicos são a discussão em torno se de fato a revolução farroupilha teve tendências separatistas e republicanas ou que os revoltosos apenas pretendiam ter suas demandas econômicas atendidas.

Constatou-se também que as obras quando tratam dos líderes farroupilhas, principalmente Bento Gonçalves da Silva, tendem a mitificá-lo, como fazem os trabalhos de Walter Spalding, H. Wiederspahn, ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do RS. Tais pesquisas refletem um momento da história onde

estavam se formando as questões de identidade nacional e regional no Brasil. E por outro lado, o historiador Alfredo Varela apresenta as ideias republicanas e de autonomia ao líder farroupilha, devido ao contexto da fronteira e aproximação entre os *caudillos* do Prata. O historiador Tau Golin teceu fortes críticas à história de Widderspahn, apontando o caráter romântico de sua biografia. Golin pretende “[...] indicar sua ligação visceral com as oligarquias latifundiárias e seus distanciamento de qualquer perfil capaz de justificá-los como *herói popular*” (GOLIN, 1983, p. 12). Contudo, Golin alterna o discurso de herói para o de vilão, polarizando a análise em considerações de juízo de valor que pouco contribuem para o tema que queremos desenvolver. Nosso problema de pesquisa busca uma pesquisa mais aprofundada em fontes primárias, contextualizando a liderança do caudilho nas redes de relações sociais e políticas do seu tempo, assim como o seu papel de mediador e de chefe militar.

4. CONCLUSÕES

A partir das leituras bibliográficas e das fontes já consultadas, nota-se que a escrita sobre a Revolução Farroupilha e seus líderes necessita de uma revisão com um olhar mais crítico às fontes e aos próprios chefes militares, para obtermos uma visão mais complexa sobre aquela sociedade de fronteira. Novos trabalhos que discutem o papel das elites regionais e suas estratégias (VARGAS, 2010) e também que se propõem a fazer esta revisão sobre os caudilhos rio grandenses (SILVA, 2015; CAMPOS, 2016), aprofundando no debate sobre suas trajetórias, têm trazido grande contribuição historiográfica. E é nesse sentido proposto que também investigamos a trajetória e atuação política de Bento Gonçalves da Silva: uma análise mais calcada na História Social e que insira essas relações em um contexto nacional e transfronteiriço mais amplo e que ultrapasse as narrativas *herói x vilão* – tão comuns quando se tratam desses personagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOLHNIKOFF, M. **O pacto imperial: origens no federalismo no Brasil do século XIX**. São Paulo: Globo, 2005.
- Heinz, F. **História social de elites**. Oikos, 2011.
- FARINATTI, L. A. E., & VARGAS, J. M. **Elites regionais, guerra e compadrio: a família Ribeiro de Almeida e suas redes de relações (Rio Grande do Sul, c. 1816-c. 1844)**. Topoi (Rio de Janeiro), 15(29), 389-413. 2014.
- FRADKIN, R. **La historia de una montonera: bandolerismo y caudillismo en Buenos Aires, 1826**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.
- GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. **Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema**. 2ª ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005.
- GOLIN, T. **Bento Gonçalves: o herói ladrão**. LGR Artes Gráficas – Santa Maria, 1983.



SAMPAIO, F. Bento Gonçalves: mito e história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

SPALDING, W. **Construtores do Rio Grande**. Livraria Sulina Editora, 1969.

VARGAS, J. M. **Entre a paróquia e a corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850- 1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

VARELA, A. **História da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasil**. Oficinas Graficas da Livraria do Globo, 1933.

WIEDERSPAHN, H. O. **Bento Gonçalves e as guerras de Artigas**. Porto Alegre: IEL/EST (1979).